

Luísa Cunha, *Senhora!*, 2010

Na obra de Luísa Cunha o som é uma matéria que tem sido trabalhada com frequência ao longo da sua carreira. Podemos relembrar aqui obras como *Words for Gardens*, de 2004; ou *Drop the bomb*, de 1994, em que som que referimos aqui, é o som da voz humana. Mas com uma particularidade, essa voz é a sua própria voz nas palavras que profere construindo jogos linguísticos e semânticos. A sua voz é simultaneamente a presentificação do seu corpo, nessa condição imaterial que apenas o registo e os necessários dispositivos de reprodução sonora representam para o espectador numa dupla relação, espacial e psicológica.

A obra intitulada *Senhora!* inscreve-se nesta linha de trabalho. Uma breve frase, repetida em *loop*, é dita a partir de uma coluna de som: “SENHORA! TODA GENTE SABE.” Em primeiro lugar esta frase estabelece de imediato um correlato entre o que se torna público e o que é domínio individual, privado, talvez secreto, talvez transgressivo, ou apenas um indício de que a privacidade, e a identidade, se encontram numa situação de perda. Em segundo lugar, porque a coluna de som, revestida a tule vermelho, está instalada sobre a parede a uma altura aproximada de um metro e sessenta e cinco centímetros. A altura média de uma pessoa.

Ou seja, este objecto que é voz, e esta voz que se torna palavra corporaliza no seu conjunto enquanto obra, e na transfiguração da côr e desse material associado à mulher, um véu translúcido de anonimato e de dúvida sobre a condição daquela, desse outro sujeito anónimo, a quem esta frase se dirige.

O tom da voz é de um aviso, mas é também o de uma ameaça sobre a sua independência, a sua autonomia, e conseqüentemente expõe a vulnerabilidade a que cada indivíduo se sujeita no cruzamento das relações sociais e políticas. A obra cria uma forte tensão psicológica quando nos reconhecemos nessa hipotética figura a quem as palavras são dirigidas. Contudo, a possibilidade veritativa do seu significado na publicitação do que já não pertence à esfera da privacidade individual pode significar, para qualquer um de nós, a cisão da unidade que determina o indivíduo e desta forma a perda da liberdade.

João Silvério 2015